

● PROTECÇÃO CIVIL

Aprovada a implementação de meios aéreos

MARIA CATARINA NUNES
mnunes@dnnoticias.pt

Depois de dois meses de estudos, o Conselho de Governo aprovou ontem as conclusões da proposta de implementação de combate a incêndios com meios aéreos na Região, tal como o DIÁRIO avançou na edição de ontem.

A Estrutura de Missão, criada no final de Junho deste ano depois do Ministério de Administração Interna anunciar a viabilidade de helicópteros ou aviões para combater fogos na Região, concluiu que os meios aéreos devem ser utilizados para ataque inicial aos fogos florestais. Por isso, a escolha recaiu sobre o helicóptero ECUREIL AS350B3, um meio ligeiro que permite o embarque rápido das equipas helitrasportadas. A ideia, recorde-se, é disponibilizar o helicóptero entre 15 de Junho e 15 de Outubro, já a partir de 2018 -



operação com um valor estimado em 1 milhão e 200 mil euros por ano. A verba já está prevista no Orçamento da Região do próximo ano, mas o Secretário Regional da Saúde (que tem a tutela da Protecção Civil) vai requerer, junto do Governo da República, que os meios da Região sejam incluídos no mesmo quadro que os dos nacionais, de forma a baixar custos e a rentabilizar os meios.

O Programa Operacional de Combate aos Incêndios Florestais na Região, como se chama, prevê ainda a criação de um Centro de Meios Aéreos na sede do Serviço Regional de Protecção Civil. O relatório excluiu a utilização de avião ligeiro para combater fogos na Região por causa dos "constrangimentos ao nível da descolagem e aterragem".

O DIÁRIO falou com entendidos no assunto sobre as conclusões e opções agora reveladas.

1 A escolha do ECUREIL AS350B3 é uma boa opção?

JOSÉ MINAS
CHEFE DOS BOMBEIROS SAPADORES DO FUNCHAL



1. “Não tivemos acesso ao relatório técnico que fundamentou a escolha e por isso não temos conhecimentos e bases técnicas para poder comentar as opções. O que posso dizer é que o helicóptero resolve no imediato, a apostar é no combate e deve ser também na prevenção. Em situações como a do ano passado [incêndios do Verão de 2016], com temperaturas muito altas, ventos fortes e humidade baixa, o helicóptero não funcionava. É preciso um acompanhamento da política de prevenção para as políticas de combate.”

2. “Uma aeronave requer um tempo maior entre a descarga e o abastecimento. Nos testes que foram feitos com a aeronave, abastecia no aeroporto, e é mais lento.”

JOÃO BRANCO
PRESIDENTE DA QUERCUS

1. “É uma boa opção. Em encostas íngremes, com acessibilidades difíceis, só é possível fazer a primeira intervenção com meios aéreos. O helicóptero tem uma manobrabilidade superior. Pode parar no ar, subir, descer, aproximar-se mais. É uma ferramenta mais plástica porque combate as acessibilidades. Todos os modelos que operam são adequados.”

2. “O avião é menos ágil e tem mais inércia. É menos seguro do que o helicóptero. Parece-me uma boa escolha.”



FERNANDO CURTO
PRESIDENTE ANBP/SNBP



1. “É uma medida ajustada atendendo à orografia da ilha. Com helicóptero é melhor para esta primeira fase, porque é polivalente, útil e rápido. Deve ser usado não só para combate a incêndios, mas em socorro pré-hospitalar. Depois acho muito acertado englobar este helicóptero no concurso dos meios nacionais - seria uma mais valia em termos financeiros e operacionais. No geral, havendo um meio aéreo e a organização na Região, é mais fácil combater um incêndio. É uma grande vitória para os bombeiros madeirenses e para a população.”

2. “Percebo mais de helicópteros, mas o avião é para uma zona mais plana. Qualquer meio serviria, mas o escolhido é acertado para a situação de ocorrências da RAM, é suficiente.”

2 E excluir operações de combate ao fogo com um avião ligeiro?

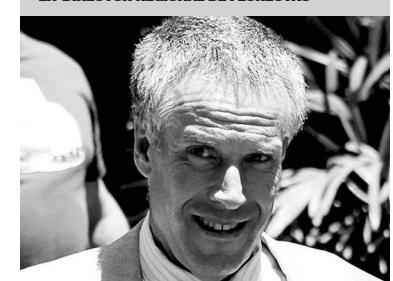
JAIME MARTA SOARES
PRESIDENTE LIGA BOMBEIROS PORTUGUESES

1. “É uma opção correcta. Em tempos idos já tinha dito que não entendia por que não havia helicóptero na Madeira. Seja para incêndios ou para situações de saúde. Mas um helicóptero sozinho não resolve o problema, deviam ser três: um ligeiro para a rapidez, e dois médios, para transporte de água. Claro que são meios extremamente onerosos e para uma primeira fase de experiência, é um bom princípio. É um helicóptero versátil e rápido. É um investimento altamente rentável.”

2. “É melhor um helicóptero porque os aviões têm grandes dificuldades de operar na Madeira.”



ROCHA DA SILVA
EX-DIRECTOR REGIONAL DE FLORESTAS



“Não tenho informação técnica suficiente, em ambos os casos, sobre o meio em específico. Mas gosto de perceber o plano no global. A Região, investindo um milhão e 200 mil euros num só helicóptero, o que foi pensado para destinar em estratégia na floresta de forma a minimizar os riscos de incêndios florestais? Em termos de acções, mão-de-obra, criação de postos de trabalho no plano preventivo. O país finalmente acordou para a necessidade de existirem políticas de florestas. Esta medida também deve ser acompanhada de uma estratégia que está programada no Plano Regional de Ordenamento Florestal. Sair de um planeamento exclusivo de combate e pensar num tratamento das florestas.”